

A GUERRA DO PARAGUAI E O IMAGINÁRIO ESPORTIVO CATARINENSE

Cristhian Caje¹

Resumo

O soldado-cidadão idealizado a partir das narrativas da Guerra do Paraguai, foi incorporado ao projeto de construção da nacionalidade e, via a prática de exercícios físicos, foi visto como elementar para a consolidação dos valores da República (1889). Este trabalho identifica e analisa alguns desses elementos a partir da experiência visual da Guerra do Paraguai (1865–1870). Partindo de imagens fotográficas e iconográficas em que esses significados históricos emergem e estabelecem relações com a história dos clubes de remo e futebol de Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina. Mostrando como a Guerra do Paraguai desenvolveu um papel importante como elemento dramático para o imaginário heróico e glorioso do esporte catarinense.

Palavras chaves: Guerra do Paraguai, Imaginário, Identidade Nacional, Esporte Catarinense

The Paraguayan War and the Santa Catarina sports imagination

Abstract

The soldier-citizen idealized from the narratives of the war, was incorporated into the project of building nationality and, through the practice of physical exercises, was seen as an elementary part for the consolidation of the Republic (1889). This work identifies and analyzes some of these elements from the visual experience of the Paraguayan War (1865–1870). Starting from photographic and iconographic images, in which historical meanings emerge, establishing relationships with the history of the rowing and football clubs of Florianópolis, capital of the state of Santa Catarina. Showing how the Paraguayan War developed an important role as a dramatic element for the heroic and glorious imagery of Santa Catarina sport.

Key words: War of Paraguay, imaginary, national identity, Santa Catarina sport.

¹ Doutor em Antropologia Social pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina - PPGAS-UFSC. Pesquisador associado ao Núcleo de Antropologia Visual e Estudos da Imagem - NAVI. E-mail: cristhiancaje@gmail.com
Este texto faz parte da Tese de Doutorado intitulada "Os vencedores cheios de glórias: articulações entre masculinidade e memória na imagem do remo em Florianópolis". Defendida em março de 2019, e que contou com o financiamento da bolsa CAPES-DS, NUFFIC.

OS NOMES E A GUERRA

Nomes, como diz o escritor Jorge Luis Borges, citado por Foucault (2000) em *A palavra e as coisas*, são carregados de significações históricas. O nome introduz uma convenção social. Em *Pensamento Selvagem*, Lévi-Strauss (1979) defende que nós primeiro damos o nome, depois encontramos sentidos para ele. Existe uma lógica da modernidade por detrás dos nomes que se relacionam ao surgimento do esporte na capital do estado de Santa Catarina.

Em meados da década de 1880, enquanto Florianópolis ainda era chamada de Desterro², destacava-se na capital do Império como um importante centro exportador de farinha de mandioca e, como cidade portuária, era um ponto de desembarque e circulação para os novos habitantes (MARCONDES, 2012, RODRIGUES, 1971). Havia um incentivo por parte do Império para a imigração europeia, principalmente de alemães e de italianos que chegavam até a pequena vila Nossa Senhora do Desterro. Esse nome, apesar de ser uma referência à fuga da sagrada família para o Egito, desagradava certos moradores, uma vez que lembrava “desterrado”³, ou seja, alguém que está no exílio ou que era preso e mandado para um lugar desabitado.

Essa falta de gosto pelo nome fez com que algumas votações acontecessem para uma possível mudança. Uma das sugestões foi a de “Ondina”, nome de uma deusa da mitologia que protege os mares, (RODRIGUES, 1971, NECKEL, 2003) porém logo foi descartado, até que, com o fim da Revolução Federalista, em 1894, em homenagem ao então presidente da República Floriano Peixoto, o governador do estado, Hercílio Luz, mudou o nome para Florianópolis. A escolha do nome foi, contudo, uma afronta à própria população desterrense, dado que Desterro era uma cidade fortemente monarquista e contrária à Proclamação da República. Floriano Peixoto não era uma autoridade com

2 Em 1514 os portugueses chegaram nesta região, e em 1526 os espanhóis. Apesar de tantas visitas ilustres, o povoamento oficial apenas ocorreu em 1673, e cinco anos mais tarde se construiu uma capela à Nossa Senhora Do Desterro, e daí seu primeiro nome – Desterro. Apenas em 1726 foi elevada à condição de vila, e em 1823 se converteu na capital da província de Santa Catarina.

3 A vasta obra do médico e antropólogo Oswaldo Rodrigues (1903–1978) se debruça sobre a história de Desterro e sobre as disputas pelos nomes ver: **Santa Catarina: História e Evolução**, de 1937. **Nossa Senhora do Desterro**, de 1971, editada pela Imprensa Oficial da Universidade Federal de Santa Catarina, consiste em trabalho de fôlego em quatro volumes: **Notícia I e II e Memória I e II. Notícia**.

A guerra do Paraguai e o imaginário esportivo catarinense.

popularidade na cidade e enfrentou grande resistência de seu governo em Desterro.

A nova Florianópolis (1894) passaria, então, a ser remodelada a partir dos novos anseios da elite local em ascensão com as novas práticas econômicas advindas com a República. Os funcionários públicos, os pequenos proprietários, os profissionais autônomos, os comerciantes e os bacharéis, além de buscar diferenciar-se socialmente das camadas menos privilegiadas da população, também redesenharam as posturas cidadinas, de forma a constituir um ar mais "agradável e sadio"⁴ que afastasse o significado negativo atribuído ao homem litorâneo de Santa Catarina (NECKEL, 2003). Engenheiros, escritores, críticos, poetas, políticos e jornalistas formariam uma geração de produtores de um saber local. Iniciava-se uma era nova na capital, o projeto da modernidade chegava em barcos até o porto, para se instalar e transformar tudo quanto podia em um reflexo da capital do Império.



Imagem N° 1: Praia da Rita Maria (*Acervo do Clube Náutico Riachuelo, sem data*)

4 NECKEL, R. Op Cit., 2003. p.54. KUPKA, Roselane Neckel. **Tensões e imagens do viver urbano em Florianópolis – 1910/1930.** Dissertação (Mestrado em História), CFH, UFSC, Florianópolis, 1993.; NECKEL, R. Op. Cit., 2003.

Na **Imagem Nº 1**, na Praia da Rita Maria, aparece claramente esse contraste estético do período de transição entre Império e República. De um lado, ao fundo da fotografia, a ponte Hercílio Luz, símbolo da modernidade advinda com a nova configuração política do país, e de outro, num primeiro plano, os galpões dos clubes de remo, no início dos anos de 1920, ainda mostrando a relação estreita com a vida litorânea. Esse período de transição intensificou as discussões sobre a necessidade de modificar o panorama topográfico e social da capital catarinense, e com isso, afastar a imagem da “antiga Vila”, associada ao atraso, fazendo surgir a “moderna e civilizada” cidade (NECKEL, 2003)⁵.

Como parte desse empreendimento modernizador, de transformação da vida social, começaram os incentivos das primeiras competições de barcos que acabaram gerando, no ano de 1902, no dia 29 de abril, a fundação da primeira agremiação náutica, o Clube de Regatas 29 de Abril. Foi um grupo de homens, formado em sua maioria por generais do exército da marinha, comerciantes, e políticos, que inauguraram junto com o clube, a prática organizada e esportiva do remo. Em junho de 1902, aconteceu a primeira prova náutica que teve como homenageado o 37º aniversário da Batalha Naval do Riachuelo⁶ e, apesar do fechamento brusco do clube, quatro anos mais tarde, seu surgimento suscitaria indagações sobre a presença do esporte na Ilha de Santa Catarina.

5 NECKEL, Roselane. **A República em Santa Catarina: Modernidade e exclusão (1889-1920)**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2003. p.54.

6 A Batalha Naval do Riachuelo, ou simplesmente Batalha do Riachuelo, travou-se a 11 de junho de 1865, às margens do arroio Riachuelo, um afluente do rio Paraná, na província de Corrientes, na Argentina. Essa é considerada pelos historiadores militares como uma das mais importantes batalhas da Guerra do Paraguai que aconteceu entre os anos de 1864 a 1870.



Imagem Nº 2: Pôster, réplica da tela do Victor Meirelles – Combate Naval do Riachuelo (*Registro fotográfico, acervo pessoal, agosto de 2018*)

No dia 11 de junho de 1915, foi fundado o Clube Náutico Riachuelo. O nome trazia uma homenagem à Batalha Naval do Riachuelo e foi representado com as cores azul e branca em seu brasão. Ele nasceu carregando em seu lema na “*grandeza da sua história, fulgura a força*”, como uma referência às conquistas da Guerra do Paraguai. Hoje, é possível apreciar uma réplica da representação dessa batalha na parte superior da porta que dá acesso à sala da diretoria do clube – o espaço administrativo onde se tomam decisões –, como vemos na **Imagem Nº 2** trazendo uma representação iconográfica em tamanho grande, que nos remete ao quadro *Combate Naval do Riachuelo*, de Victor Meirelles (1832–1903)⁷

No Brasil chama-se *A Guerra do Paraguai*. Esse nome parece fazer referência direta a quem carrega a culpa do conflito, o Paraguai. Dessa forma, o Brasil parece se eximir da sua responsabilidade perante as demais nações. Na Argentina e no Uruguai, por exemplo, o nome varia no imaginário e na historiografia dos países vizinhos, sendo conhecida como a

⁷ O pintor catarinense Victor Meirelles nasceu em Desterro no ano de 1832. A pintura original foi feita em óleo sobre tela, cujas dimensões são de 8,2 metros de largura por 4,2 metros de altura. A obra foi encomendada pelo Ministro da Marinha, Afonso Celso de Assis Figueiredo, em 1868, e retrata um confronto naval que aconteceu na Guerra do Paraguai entre a esquadra brasileira e a paraguaia em um trecho do Rio Prata.

A guerra do Paraguai e o imaginário esportivo catarinense.

Guerra da Tríplice Aliança. Esse nome faz uma clara referência ao conluio ou à aliança entre Brasil, Argentina e Uruguai, contra o Paraguai. Já no Paraguai, o evento é conhecido como *A Guerra Grande*, justamente pelo fato dessa guerra ter sido bastante cruel/devastadora, dizimando quase a totalidade da sua população masculina. Até hoje é considerada o maior conflito armado da América do Sul e, como toda situação belicosa, criou suas próprias narrativas, as suas próprias verdades nas diferentes nações participantes.

Uma dessas verdades é que o Brasil dos finais do século XIX, ainda nas mãos do Império de Dom Pedro II, vivia o seu maior apogeu econômico, especialmente com o advento da produção de café, que foi chamado na época de o “ouro preto”. No início da guerra, considerava-se prestigioso participar das batalhas, como um valor que estaria atrelado a uma questão da honra dos homens que iam a combate. Todavia, ao final, o Brasil terminaria sucumbido a uma decadência econômica por conta dos gastos bélicos e hospitalares. A guerra acabou se convertendo num evento em que ambas as partes acharam que seria muito curto, mas acabou se estendendo por seis longos anos e arrasou com a economia de todos os países envolvidos. Esse momento de pós-guerra, e crise econômica, coincidiria com a tomada de forças do partido republicano, do abolicionismo e dos grandes grupos opositores a Dom Pedro II.

Mesmo com o final trágico, o governo imperial fez um investimento enorme em criar suas próprias narrativas e verdades sobre a guerra, a partir do financiamento de artistas como Victor Meirelles e Pedro Américo de Figueiredo e Melo (1877), para eternizar aqueles momentos, como a Batalha do Riachuelo e a Batalha do Avaí, citando alguns, como forma de exaltação cívica, para que a população contemporânea e a posteridade se identificassem com um episódio memorável da História do Brasil através da atuação da Marinha. Essas diferentes narrativas históricas sobre a guerra construídas durante esse período e especialmente as narrativas visuais construídas na pintura, levam-nos diretamente a pensar nessa relação nem sempre harmoniosa entre memória e história.

Por exemplo, o remo catarinense, que surge com potência e protagonismo social no início do século XX, quase quarenta anos depois dos acontecimentos bélicos, retoma toda essa simbologia das grandes batalhas navais, produzidas nessas narrativas do fim do Segundo Reinado, num período de

A guerra do Paraguai e o imaginário esportivo catarinense.

transição republicana e de uma forma menos preocupada com os dados oficiais sobre as perdas que a guerra gerou para o Império. Assim, recria sua própria narrativa, positiva, sobre elas, de forma mais subjetiva, como diria Lilia Schwarcz (2005), sobre os ideais de “brilho” e “força”, como menciona a estrofe do hino, reconstruindo um discurso de nacionalidade que, até os dias de hoje, continua sendo um elemento fundamental para a identidade dos riachuelinos.

A EMERGÊNCIA DOS CLUBES ESPORTIVOS

A poucos meses da fundação do Clube Náutico Riachuelo, um grupo de comerciantes do centro da cidade se reuniu com o intuito de fundar outro clube de remo. No dia 31 de julho de 1915, foi fundado, então, o Clube Náutico Francisco Martinelli. O nome foi dado em homenagem ao jovem guarda-marinha Francisco Martinelli, que, segundo a *Revista Ilustrada*⁸, de 20 Março de 1920, “*trunfará em toda a sua carreira: que subira os degraus por esforços próprios, maravilhando seus amigos, enternecendo seus mestres, enchendo de lágrimas doces os olhos da dolorosa velhinha Martinelli*”.

Com a chegada do novo clube – que tinha as cores vermelho e preto como homenagem a um naufrágio de uma viagem da escola naval em 1913 –, ampliou-se as opções para as competições das regatas, pois o Martinelli se caracterizava pela posição não elitizada de seus participantes e associados. Sua proximidade com a vida comercial do centro rendeu-lhe o título de “o clube mais querido” da cidade, deixando para os torcedores do Riachuelo a região da Rita Maria, na Beira Mar Norte, para que se aglomerassem.

As festas de comemoração e os eventos competitivos mais nobres de ambos os clubes ficavam restritas apenas aos associados, conforme a classe social e o evento em questão. Esses eventos serviram, também, como palanque político, ao construir uma imagem para as torcidas vinculada ao clube em evidência⁹. As regatas costumavam acontecer em frente

8 FILHO, Barreiros. **Revista Ilustrada**, 20 Março de 1920. Cd. SARTORI, Carina. **Na alvorada de um sport: o remo na ilha de Santa Catarina**. 2013. Dissertação Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Programa de pós-graduação em História.

9 Para mais dados sobre a formação das torcidas de remo nesse período e seu papel na sociedade, ver os trabalhos de: SILVEIRA, Arthur Fernandes. **História do Remo em Florianópolis, 1950 – 1970**. Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Federal de Santa Catarina.

A guerra do Paraguai e o imaginário esportivo catarinense.

ao Mercado Público, e do antigo Miramar, que ficava em frente a praça XV – onde fica hoje a praça Fernando Machado – como aparece na **Imagem Nº 3**, e chegavam a aglomerar um público de 6 mil torcedores aproximadamente (SARTORI, 2013). No início do século XX, Florianópolis contava com cerca de 15 mil habitantes e, em 1940, sua população passou a 25 mil habitantes – pois naquela década a Ilha agregou uma parte do continente que pertencia a São José. Até então a capital catarinense era considerada apenas a parte insular (SARTORI, 2003, p. 84). As torcidas se acumulavam nos trapiches, bem perto de onde partiam os barcos.

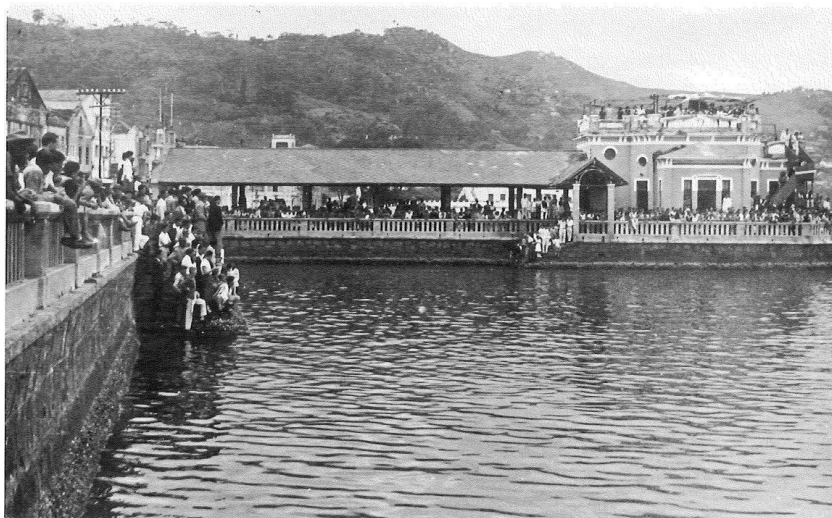


Imagem Nº 3: Torcida no Miramar (*Acervo do Clube Náutico Riachuelo, sem data*)

Se, por um lado, cabia a prática do esporte à alta sociedade catarinense, por outro cabia a participação dos menos privilegiados no incentivo por meio das torcidas, junto às margens da Baía Sul, como vemos na fotografia acima. O Riachuelo estava ligado às famílias Muller, Mund, Moritz e Hoepcke; todas de origem alemã e detentoras da maior parte dos comércios e das indústrias da ilha. O Francisco Martinelli era integrado por comerciantes menores. Três anos depois (1983), foi fundado um terceiro clube, o Aldo Luz, comandado “eternamente” por Aderbal Ramos da Silva, governador, deputado e mandante perpétuo da política catarinense, até seu falecimento (FERREIRA, 1998, p. 59)¹⁰.

2008. BORGES, M.D.G. **Remando nas Águas da História: As heróicas conquistas do Remo de Santa Catarina 1861– 2002**. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado De Santa Catarina, 2002.

10 FERREIRA, Sérgio Luiz. **O banho de mar na ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. Das Águas, 1998, p. 59.

A guerra do Paraguai e o imaginário esportivo catarinense.

Dando sequência à fundação dos três clubes, inaugura-se a Federação Catarinense de Desportos Aquáticos, em 1919, que recebeu o mérito de organizar a prática do remo e de elevar o número de competidores e das competições¹¹.

A política implantada junto com o surgimento da Federação apontava para a modificação dos costumes locais, considerados provincianos e atrasados aos novos padrões de sociedade republicana e urbana, inspirados na capital Rio de Janeiro. Visava também uma modernização física da cidade, em infraestrutura, para fortalecer sua formação como capital no estado de Santa Catarina.

Novos costumes significavam a construção de uma elite local que se firmasse por meio da participação nos clubes de remo e, ao mesmo tempo, que aderissem ao projeto da modernidade por meio deles. Isso causou uma segregação entre as pessoas: de um lado, os pescadores e trabalhadores braçais e, de outro, aqueles que tinham uma influência política, intelectual ou financeira maior sobre a restante, como os altos comerciantes e políticos. As participações dos campeonatos estavam diretamente ligadas ao *status* social da elite local que, para isso, não poupou esforços na marginalização da população que não se enquadra na nova política florianopolitana de modernização. As regatas na orla tornavam-se, nessas ocasiões, espaços de encontro (SARTORI, 2013, p.45).



11 Vários historiadores coincidem com que a chegada dos três clubes, e, especialmente a data da fundação do Aldo Luz e a data de fundação da Federação Catarinense de Desportos Aquáticos

A guerra do Paraguai e o imaginário esportivo catarinense.

Imagem Nº 4: Torcedores e dirigentes do Riachuelo (*Acervo do Clube Náutico Riachuelo, sem data*)

A MASCULINIDADE DA GUERRA

Miskolci (2012) sugere que, a partir da experiência da Guerra do Paraguai, quando o Brasil assistiu à sua primeira grande manifestação nacionalista, podemos compreender o crescente fascínio por uma masculinidade militarizada, a qual emerge durante a instauração da primeira República. Nesse período, também começam a surgir estudos higienistas¹² sobre a educação física, intelectual e moral do soldado, como obras que pregavam a prática de atividades físicas na formação militar como intrinsecamente associadas ao civismo, ao vigor e à saúde (Miskolci, 2012, p. 54). Começam a ser associados esses ideais militares ao projeto de construção de uma masculinidade bélica, inspirada nas narrativas das batalhas navais, vistas como sinônimo de “caráter viril”, de onde emerge o soldado-cidadão, idealizado a partir das imagens das batalhas da Guerra do Paraguai (como vimos no capítulo anterior), mas não só como um discurso nacionalista e identitário recheado de elementos republicanos, como também em um discurso contra o país vizinho. Da mesma forma que essa masculinidade militarizada também se encontra expressada no copo dos remadores.

No Brasil, o esporte e a ginástica se promoveram como práticas civilizatórias, dando lugar a debates entre intelectuais, médicos, comerciantes e políticos sobre o desenvolvimento físico, a saúde, o patriotismo e a organização militar, junto à formação dos jovens e do embelezamento dos corpos na conquista de um povo forte, dando lugar a um homem novo, tanto em forma e aparência quanto e em sentimentos. A transformação dos corpos foi uma estratégia utilizada nas políticas modernizadoras – como foi o incentivo da prática do remo – baseados na retidão de posturas e de hábitos saudáveis. Tais práticas estiveram ligadas à ideia de progresso, aos processos de urbanização, de industrialização e de educação do corpo físico em todo o mundo ocidental, principalmente durante a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX, como apontaram Elias e Dunning (1993).

¹² Nessas obras, o ideal da educação física se associa claramente a uma demanda por formação militar moderna que, em meio a uma onda de apoio republicano, geraria a primeira lei sobre o Serviço Militar Obrigatório, em 1874.

A guerra do Paraguai e o imaginário esportivo catarinense.

A maioria das narrativas históricas sobre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX no Brasil segue mais ou menos a mesma linha: amarram a mudança de regime político, a passagem da Monarquia à República, com a chegada e a instalação do projeto da modernidade junto ao projeto de nação. A partir da proclamação da República, essas narrativas assumem-se como um período de transição ou de ruptura que nos auxilia a compreender a formação de importantes aspectos de nossa sociedade contemporânea. É nesse ensejo que o conceito de cidade emerge, como um puxante e ambicioso projeto que se apropria da capital catarinense, e se realiza em uma série de transformações urbanas que tentaram afastar as características de uma vila portuária, uma capital da colônia, para uma cidade moderna, republicana. Esse esforço se traduziu em uma série de hábitos e códigos morais que acabariam por moldar os corpos dos habitantes da antiga Desterro.

Autores como Edward W. Said (2007)¹³ apontam para as profundas transformações econômicas, políticas e sociais que ocorreram em países que ele chamou de periféricos, como o Brasil e países do norte da África, que, durante o final do século XIX, espelhados na ideia ocidental de modernidade, construindo uma relação desigual com a maior parte do mundo – vista como bárbara e incivilizada. Miskolci (2013), por exemplo, conta que ao mesmo tempo, na Europa, esse projeto de civilização era motivo tanto de desejo quanto de repulsa, pois era visto também como fonte de perigo, ameaça à tradição e causa de novas patologias originadas pelo progresso (p.22). No Brasil, esse mesmo projeto de civilização tendia a ser visto como aliado da tradição apontando para o progresso. “Ou seja, enquanto lá se temiam as consequências da modernização aqui nós a desejávamos, pois nosso inimigo era nosso passado, associado ao atraso, à natureza e aos instintos” (MISKOLCI, 2013, p.23)¹⁴.

Segundo José Murilo de Carvalho¹⁵, para alcançarem seu desejo de nação: “Os missionários da modernização identificavam na população brasileira o grande obstáculo ao

13 SAID, Edward. **Orientalism**. London: Routledge, 1978 [São Paulo: Cia das Letras, 2007].

14 MISKOLCI, Richard. **O desejo da nação: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX**. / Richard Miskolci. Prefácio de Margareth Rago. Apresentação de Mariza Corrêa. – São Paulo: Annablume, 2013. (Coleção Queer).

15 CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 2009. _____. “**As Forças Armadas na Primeira República: o poder desestabilizador**”. In: Forças Armadas e política no Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. p. 13-61 _____. **Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Cia. das Letras, 2010.

progresso” (1998, p. 125). O desejo da nova nação brasileira partia de uma classe política e intelectual que se construía por meio de uma avaliação negativa do povo e do seu passado, primeiramente colonizado e depois escravizado. A desqualificação do povo brasileiro como incapaz para se inserir nesse modelo internacional exigia uma transformação na ordem da biopolítica, delineada pela recusa da elite com relação ao povo em favor de uma nação futura, a ser criada como branca e civilizada (MISKOLCI, 2013).

No Brasil, o esporte e a ginástica se promoveram como práticas civilizatórias, dando lugar a debates entre intelectuais, médicos, comerciantes e políticos sobre o desenvolvimento físico, a saúde, o patriotismo e a organização militar, junto à formação dos jovens e do embelezamento dos corpos na conquista de um povo forte, dando lugar a um homem novo, tanto em forma, aparência e em sentimentos.

Os debates da invenção de um novo corpo para um novo povo tinham no mestiço o eixo simbólico da unidade nacional, promovendo nele o rompimento dos discursos de indolência, incapacidade, atraso e doenças (SCHWARCZ, 2005). Baseando-se em “medidas profiláticas, como higiene sexual das famílias, e especialmente nas práticas corporais, como a ginástica e a Educação Física. Acreditava-se que com tais medidas seria possível alcançar resultados benéficos para a constituição de um corpo saudável e para o alcance da “perfectibilidade” da “raça em formação”.

O branqueamento, como um projeto nacional, mesmo que este localizado no passado, começou a reunir no imaginário das elites, as referências para pensar a sociedade como um projeto a ser alcançado no futuro. Essa mesma referência, compreendia o social fundamentalmente como algo biológico, e que, por meio da imigração européia, branca, no futuro, seria possível alcançar uma melhor condição na ordem mundial (MISKOLCI, 2013, p.37).



Imagem Nº 5: Atletas e diretores do Clube Náutico Riachuelo em 1915
(*Acervo do Clube Náutico Riachuelo*)

Na **Imagem Nº 5**, vemos como foi apresentada a primeira guarnição de remadores do Clube Náutico Riachuelo. Esses ideais, quando chegaram à capital de Santa Catarina, foram traduzidos pelos corpos dos atletas do remo. Eles apareciam com o tronco reto, como uma formação militar, mostrando a musculatura dos braços fortes, se assemelhando a quem usa a força dos braços, mas não necessariamente para trabalhar, já que ao mesmo tempo aparecem bem arrumados, com os cabelos penteados, como se estivessem sempre prontos para os eventos sociais. O contraste entre a roupa leve, apropriada para o calor, dos remadores, e o terno de três peças, que inclui um colete, próprio para o inverno, dos diretores. É como se estivessem em climas diferentes. Mas não surpreende, pois era característico da época o uso de roupas próprias para o clima europeu, como modo de distinção social.

Enfim, essas primeiras imagens em que aparecem os atletas fazem uma clara referência em oposição à postura dos antigos moradores ilhéus. Uma oposição entre aqueles que vão ao mar para lazer e aqueles que vão ao mar a trabalho, entre remadores e pescadores, entre o remo como atividade lúdica e a pesca como busca de sobrevivência. Esse mesmo corpo se repete na **Imagem Nº 6**, em que é possível também ver com destaque os sobrenomes lusos e alemães das primeiras famílias ligadas a seu desenvolvimento, e que

A guerra do Paraguai e o imaginário esportivo catarinense.

ganharam centralidade na sociedade florianopolitana daquela época.

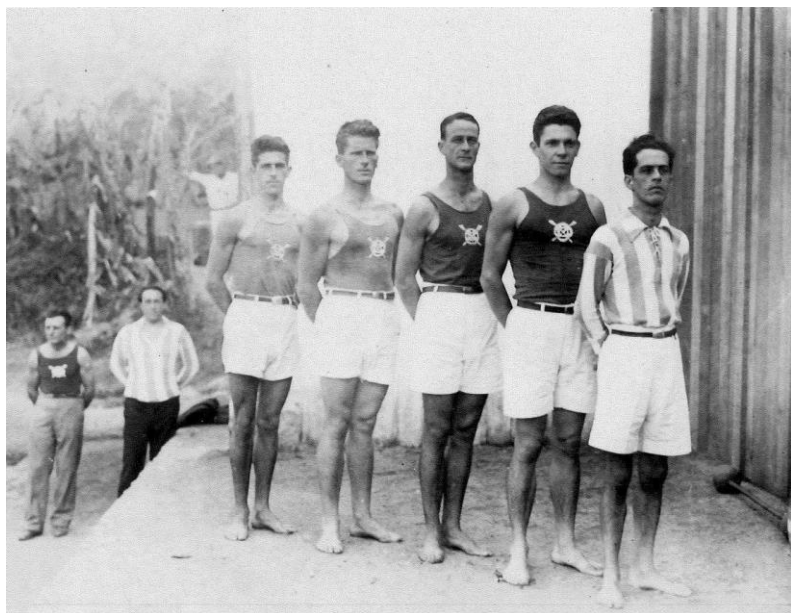


Imagem Nº 6: Guarnição vencedora do Troféu Lauro Carneiro, formada por Eduardo Muller, Max Muller, Alberto Moritz, Orlando Cunha e Décio Couto. (*Acervo do Clube Náutico Riachuelo, sem ano*)

Na **Imagem Nº 7** (abaixo), podemos ver como o incentivo ao esporte envolvia a produção de fotografias de corpos em harmonia coletivamente. Imagens que deveriam promover uma sensibilidade estética de liberdade, efervescência e força. Os Cenários em que eram representadas as conquistas dos atletas remetiam ao estilo da Belle Époque de Paris de inícios de século XX¹⁶.

Os espaços eram preenchidos com tapetes e outros elementos decorativos europeus, como a estátua que é segurada por um dos atletas e que aponta para cima, como sinalizando uma direção e os troféus, sinalizando a vitória. Todos estes elementos tinham como principal objetivo ressaltar todas as qualidades corporais, exibindo cada detalhe, de todas as partes, para que os espectadores

16 Segundo Sartori (2013) Listas de corpos morfologicamente hierarquizados eram publicadas pelas comissões médicas dos jogos Olímpicos em Paris de 1900. As fotos dos participantes desnudos no tórax apresentavam os dados: "do 'tipo torácico' preferido por Demenÿl, ao 'tipo abdominal', em 1902, o 'tipo respiratório' preferido por Sigaud, em 1910, ao 'tipo digestivo' ou ao 'tipo cerebral'."13. Rendimento, dados, centímetros, calendários e cálculos no corpo. Devidamente registrados nas escolas francesas, durante as primeiras décadas do século XX, os corpos passaram a ser comparados em suas proporções e resultados. Jovens corpos testemunharam as transformações que visavam alcançar o *sportman* perfeito, uma justaposição das palavras *sport* e *man* (p. 29-30).

A guerra do Paraguai e o imaginário esportivo catarinense.

possam “Tornar-se consciente do seu corpo com todas as suas articulações para que ele se movimente livremente”¹⁷. Como o remo é um esporte praticado ao ar livre e com certa liberdade ao movimento corporal, devido o uso do *Jersey*, essas imagens despertaram a estética de uma nova masculinidade entre a juventude de Florianópolis, com corpos “que se apresentavam altivos e fortes”, com “liberdade de espírito” (Mello, 2001)¹⁸ performatizando a nova nação que remava rumo ao progresso.

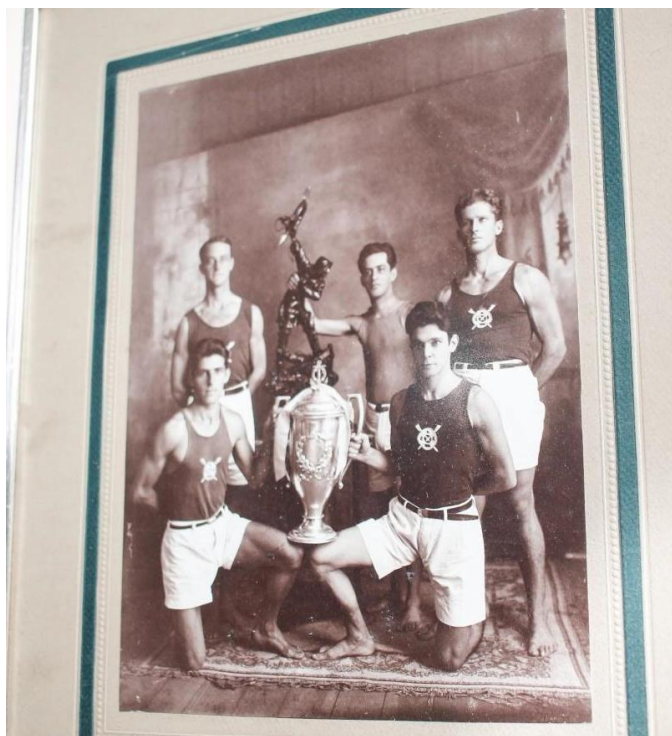


Imagem Nº 7: Atletas do Clube Náutico Riachuelo (sem data) (*Registro fotográfico, acervo pessoal, agosto de 2018*)

Na **Imagem Nº 8** aparecem os remadores representados como heróis da nação, vestindo medalhas de condecoração, representados como o futuro de uma juventude viril aliada à prática dos exercícios físicos. As roupas justas ao corpo delinearam os músculos que agora estavam à mostra. Quatro estão com uma camisa semelhante, outro, que ocupa a

17 Tradução livre: “Prendre conscience de son corps avec toutes ses articulations pour qu’il puisse s’exprimer librement.” VIGARELLO, Georges. **Le temps du sport**. In: CORBIN, Alain. **L’avènement des loisirs (1850–1960)**. Paris: Champs histoire, 1995. p.288.

18 MELO, Victor Andrade. **Cidade esportiva. Primórdios do esporte no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. _____. **Os sports e a cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

A guerra do Paraguai e o imaginário esportivo catarinense.

posição de timoneiro¹⁹ usa a camiseta diferente, marcando sua hierárquica no barco. Os jovens sadios eram apresentados como homens disciplinados. Era necessário o controle dos gestos para ajustar a percepção de corpo à mente e a embarcação. Era o momento da disciplina, da conjugação, da força, da sensibilidade e da racionalidade dos homens. Aliado às ideias de higiene, de saúde e de progresso, as imagens dos jovens conduzindo suas embarcações, com seu corpo a mostra e seus braços fortes, podem ser compreendidas como a imagem da nova República que seria conduzida por uma nação forte rumo a um futuro próspero.

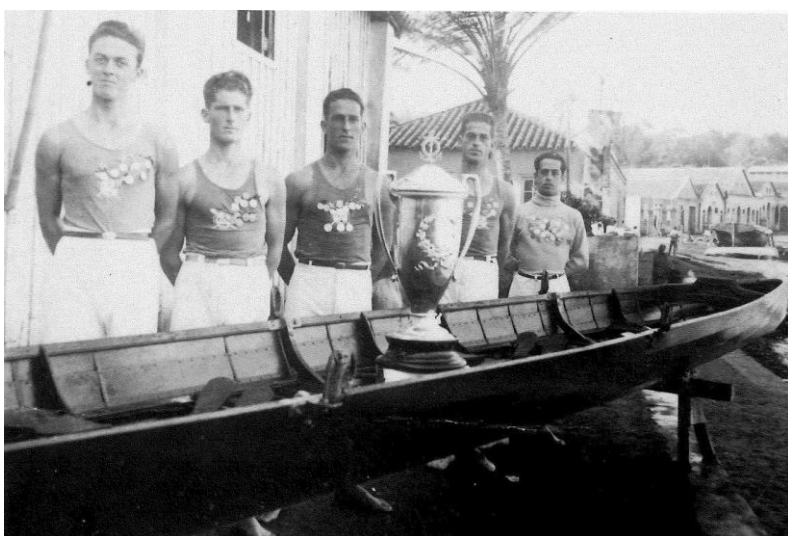


Imagem Nº 8: Atletas do Clube Náutico Riachuelo 2 (*Acervo do Clube Náutico Riachuelo, sem ano*)

Não seria apenas o corpo que sofreria as mudanças com a prática do remo. Uma linguagem midiática sobre cotidiano dos atletas emergiria, objetivando divulgar os ideais de regeneração e moralidade através dos exemplos de uma vida saudável. Com a troca de regime político se reforçaram as representações culturais (especialmente nos jornais) que associavam o Império com a decadência, e a República com o progresso e o futuro (SARTORI, 2013). A primeira República, que foi proclamada pelo exército, garantia a ordem pelo uso recorrente da força armada, mas eram as medidas higienizadoras cuja violência era menos óbvia, que

¹⁹ O termo latino está na origem de “o governo da embarcação”, pois as embarcações não são guiadas ou dirigidas, mas sim governadas. É o tripulante responsável pela navegação. O termo é de uso mais corrente no remo esportivo.

A guerra do Paraguai e o imaginário esportivo catarinense.

exigia dos homens que sejam “controlados”, que saibam administrar suas paixões, seus desejos e suas pulsões. A consolidação desse novo regime foi marcada por uma associação direta entre Estado e masculinidade, em que somente aqueles homens que provassem seu autocontrole poderiam ter reconhecido seu *status* de verdadeiro “cidadão nacional” (MISKOLCI, 2012, p.53).

DO RIACHUELO AO AVAÍ

O Clube Náutico Riachuelo, surge como uma homenagem à Batalha Naval do Riachuelo. Mas no ano de 1923, a masculinidade associada às narrativas da Guerra do Paraguai ganharia uma nova dimensão em Florianópolis. Alguns dirigentes do Riachuelo, que também eram adeptos do futebol – que se iniciava como esporte oficial entre as classes populares – resolveram criar um clube de futebol dentro do clube de remo, que foi denominado de Avaí futebol Clube²⁰, sendo este nome também dado em homenagem a uma Batalha Naval, a do Avaí, ocorrida em 11 de dezembro de 1868 durante a mesma Guerra. O Avaí foi um dos primeiros clubes a constituir a liga dos esportes terrestres em Florianópolis. Na página *web* do clube, onde aparece o relato histórico sobre sua fundação, consta que:

O nome do novo time seria “Independência” e teria como presidente o próprio Sr. Amadeu Horn. Quando tudo já estava praticamente decidido, o Sr. Arnaldo Pinto de Oliveira chegou à reunião trazendo novas idéias e acabou influenciando os participantes a mudar o nome do time que estava sendo fundado. O argumento do Sr. Arnaldo era que Independência seria um nome complicado para a torcida gritar em apoio ao time e até terminar de falar “Independência” o outro time já teria empatado o jogo. Como estava lendo um livro sobre a história do Brasil, ele propôs o nome Avahy, em referência à Batalha do Avahy. Neste momento, todos apoiaram a idéia e começaram a gritar Avahy, Avahy, Avahy! E desta maneira, entusiasmada e convicta, teve início a história cheia vitórias e conquistas do então Avahy Foot-ball Club²¹.

Os riachuelinos contam, com muito orgulho, e celebram a relação e o vínculo entre ambos os clubes. O diretor do Clube

20 Tem relatos em jornais da época da existência de um time de futebol Riachuelo, que surge aparentemente de entre membros do Clube Anita Garibaldi em 1911.

21 Trecho extraído da Página Oficial do Avaí Futebol Clube:

<http://www.avai.com.br/novo/clube/historia> (acessado em 25 de novembro de 2019).

A guerra do Paraguai e o imaginário esportivo catarinense.

Riachuelo descreveu essa relação durante um evento em que as duas agremiações assinaram um contrato de parceria (em janeiro de 2018), da seguinte maneira: “É uma honra para nós do Clube Náutico Riachuelo ter o Avaí como apoiador. A origem do Avaí passa pela nossa história, pois foi com o nosso uniforme que o Avaí jogou sua primeira partida. É daí que surgiram as cores azul e branco no uniforme do Avaí”.



Imagem Nº 9: Time de Futebol do Riachuelo, **1964** (*Acervo do Clube Náutico Riachuelo*)

A comemoração do centenário do Riachuelo, foi o momento em que o clube procurou essa aproximação novamente com o Avaí, como parte desse movimento de reinvenção do seu passado a partir da reconstrução de uma relação no presente. Essa parceria modificou o nome do Clube Náutico Riachuelo para Clube Náutico Riachuelo/Avaí, em 2016, fazendo com que as paredes externas do clube voltassem a ser pintadas com o brasão e as cores do “*bravo azul e branco todo forte e todo franco*” – como conclui o hino. Mas, mesmo depois do Avaí ter se separado do remo e tornado um dos clubes de futebol mais importantes do estado de Santa Catarina, o Riachuelo manteve uma equipe de futebol amadora, com o nome de Riachuelo Futebol Clube que participava de campeonatos amadores, a maioria dos jogadores eram os próprios remadores, alguns dos mais velhos, que circulavam entre um esporte e outro até o final da

A guerra do Paraguai e o imaginário esportivo catarinense.

década de 1960. É possível ver na **Imagem Nº 9**, corpos, origens étnicas e gerações mais variadas entre os atletas.

A pesquisa que conformou esta tese, foi iniciada em 2015 e se estendeu até outubro de 2018. Acompanhou uma parte das comemorações de 100 anos da inauguração do Clube Náutico Riachuelo. Esse clube é considerado atualmente como a primeira agremiação esportiva e naval de Florianópolis que se mantém ativa. Seu surgimento está atrelado a uma série de transformações e mudanças tanto urbanas como sociais e na ocasião da comemoração do seu centenário, mobilizou-se uma série de eventos públicos, de caráter político, como os celebrados em sessão solene na Assembleia Legislativa de Santa Catarina – ALESC. Dentre elas, destaque uma, a proposta pela Mesa Diretora da Assembleia Legislativa e conduzida pelo deputado Júlio Ronconi (PSB-SC)²².

Um ano mais tarde, no dia 17 de setembro de 2016, ainda como parte dessa agenda de eventos, e como parte da retomada de elementos que constituíram seu passado “glorioso”, as diretorias do Avaí Futebol Clube e do Clube Náutico Riachuelo, assinaram um novo contrato de parceria incluindo assim o remo como esporte nas modalidades esportivas que o Avaí oferece atualmente a seus associados – além do futebol profissional, futebol de base, ciclismo, basquete, futsal, fut 7, beach soccer, e tiro esportivo. Num ato simbólico, o presidente do Avaí, realizou a entrega oficial dos uniformes com as marcas Avaí e Riachuelo, proclamando as seguintes palavras em seu discurso:

“Estamos subindo mais um degrau na caminhada rumo ao fortalecimento da modalidade remo em Florianópolis. É uma alegria poder ajudar o nosso Riachuelo, que um dia nos ajudou com o empréstimo de seus uniformes para o nosso primeiro jogo oficial. Hoje é o “filho” que vem para ajudar o “pai” quando ele está precisando de ajuda” (Publicado no site do Clube Avaí, acessado em novembro de 2019).

Um ano mais tarde, em 2017, no estádio da Ressacada, foi lançado o livro *Uma História Centenária – Desde Jutá e Juruá*²³, um livro álbum da fotógrafa Denise Becker²⁴, que também foi entrevistada para esta tese. O livro se insere

22 O Partido Socialista Brasileiro (PSB) é um partido político brasileiro que segue a ideologia socialista democrática. Foi criado em 1947 a partir da Esquerda Democrática, até ser extinto por força do Ato Institucional nº 2, de 1965. Em 1985, com a redemocratização no Brasil, foi recriado.

23 São os nomes dos primeiros *yoles*, ou barcos, adquiridos pelo clube, em 1916.

24 Denise Becker cedeu muito gentilmente uma parte das imagens digitalizadas do acervo fotográfico do clube, que são algumas das imagens que foram publicadas no livro, para a elaboração deste trabalho.

A guerra do Paraguai e o imaginário esportivo catarinense.

como produto parte das comemorações dos 100 anos do Clube Náutico Riachuelo, e traz no seu conteúdo, além das fotografias do acervo do clube, textos e depoimentos de atletas e jornalistas. Esse livro foi financiado em parte pela Lei de incentivo à Cultura e pela Lei Rouanet. Entre o ano de 2015 e 2018, teve uma série de eventos que pretendiam reforçar a narrativa do resgate do passado e da projeção para o futuro.

UM ELEMENTO DRAMÁTICO QUE VAI E QUE VOLTA

A guerra do Paraguai foi o primeiro acontecimento histórico motivado e conduzido exclusivamente por Estados sul-americanos, funcionando, assim como um marco importante da autonomia política da região (STUMPF, 2019, p. 414)²⁵. No Brasil, como no Paraguai, a construção da memória sobre a guerra foi cambiante e respondeu às mudanças da conjuntura política vigente. Mas no Brasil, esse momento coincide com o fortalecimento de uma crescente classe militar forjada nos campos de batalha e com ânsias do modelo político republicano, onde a guerra foi insistentemente celebrada, rememorada pelas batalhas vitoriosas e por seus comandantes, alçados a heróis da pátria dos quais herdamos a construção de monumentos e de lugares de memória da guerra que ocorreram, sobretudo, sob a vigilância de governos nacionalistas e autoritários, que, dando nomes indígenas às ruas, cidades, times de futebol, incorporaram assim o inimigo dentro o imaginário coletivo. Riachuelo e Avaí seriam nomes esvaziados se retirados desse contexto.

O que se deve lembrar e o que se deve esquecer, no que se refere a uma dita “memória nacional”, são as operações nada ingênuas construídas pela história oficial. Na ocasião em que durante a ditadura militar, em 1977, o estado do Mato Grosso do Sul foi criado, deu-se à sua capital o nome da última grande batalha da guerra do Paraguai, chamada pelos brasileiros de Campo Grande (STUMPF, 2019, p. 417). O soldado-cidadão idealizado a partir das narrativas da guerra foi incorporado ao projeto de construção da nacionalidade e, via a prática de exercícios físicos, foi visto como sinônimo e parte do seu “caráter viril”. A memória da guerra serviu e continua a servir interesses conjunturais estranhos a sua

25 STUMPF, L. K. **Fragmentos de guerra: imagens e visualidades da guerra contra o Paraguai (1865-1881)**, Universidade de São Paulo, 2019.

A guerra do Paraguai e o imaginário esportivo catarinense.

história. A missão civilizatória empreendida pelas elites políticas e intelectuais de Florianópolis, em sintonia com as elites da capital do país, apontavam para a construção de uma nação branca por meio de convenções culturais que incentivaram em grande medida a prática do remo, criando assim as experiências da masculinidade hegemônicas, que constituíram o motor desse projeto no início do século XX. Nos esportes, homens passaram a ser treinados para a competição e a concorrência, aptidões úteis também na guerra.

A guerra do Paraguai encontrou no imaginário dessa época um papel importante como elemento dramático para a narração de um evento glorioso que se perpetua até hoje. Mas, existe alguma outra forma de narrar uma história de guerra? Segundo o antropólogo paraguaio, Ticio Escobar (2016)²⁶, em referência às narrativas de memórias da guerra contadas pelos paraguaios, e oferecendo-nos uma resposta, ele sugere que é preciso encontrar as fendas do discurso de autoridade do Estado, que legitimam sua produção simbólica, fazendo se possível assim, acessar questões que calam nos relatos oficiais, pois os relatos de memórias da guerra passam pela constatação do relator hegemônico.

Existem elementos de repetição e de continuidade intrínsecos na construção dessas narrativas e, mesmo produzindo batalhas pelo monopólio da verdade, deixam evidente que as transformações são um modo de reprodução e manutenção da cultura, assim como Sahlins (1987) apontou para “as formas culturais tradicionais que abarcavam o evento extraordinário e recriavam as distinções dadas de status, com o efeito de reproduzir a cultura da forma que estava constituída” (p. 174). Isto é, esse imaginário demonstra que a cultura funciona como uma síntese de estabilidade e mudança, de passado e presente. Toda mudança ocorrida na prática é uma reprodução cultural e toda reprodução da cultura é uma alteração, pois na ação, as categorias pelas quais o mundo atual é orquestrado assimilam um novo conteúdo empírico. Essas categorias ressurgem e se tornam particularmente férteis em períodos de mudança, ou durante as grandes transformações.

26 Más Allá de la Guerra: aportes para el debate contemporáneo. María del Rocío Robledo Yugueros, Milda Rivarola, Víctor-Jacinto Flecha, Herib Caballero Campos, Fabricio Vázquez, Luis A. Galeano, Ramón Fogel, Ignacio Telesca, David Velázquez Seiferheld, Bartomeu Melià, Ticio Escobar, Mabel Causarano, Jorge Rubiani. Asunción: Secretaría Nacional de Cultura, 2016, págs. 158. ISBN: 978-99967-34-16-8.

A guerra do Paraguai e o imaginário esportivo catarinense.

REFERÊNCIAS

BORGES, M.D.G. **Remando nas Águas da História: As heróicas conquistas do Remo de Santa Catarina 1861- 2002**. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado De santa Catarina, 2002.

CAJE, Cristhian. **Os vencedores cheios de glórias: articulações entre masculinidades e memória na imagem do remo em Florianópolis**. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina. Março de 2019.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 2009.

_____. **“As Forças Armadas na Primeira República: o poder desestabilizador”**. In: Forças Armadas e política no Brasil.

Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. p. 13-61

_____. **Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Cia. das Letras, 2010.

FERREIRA, Sérgio Luiz. **O banho de mar na ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. Das Águas, 1998, p. 59.

MISKOLCI, Richard. **O desejo da nação: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX**. / Richard Miskolci. Prefácio de Margareth Rago. Apresentação de Mariza Corrêa. – São Paulo: Annablume, 2013. (Coleção Queer).

MELO, Víctor Andrade. **Cidade esportiva. Primórdios do esporte no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

_____. **Os sports e a cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

NECKEL, R. Op Cit., 2003. p.54. KUPKA, Roselane Neckel. **Tensões e imagens do viver urbano em Florianópolis – 1910/1930**. Dissertação (Mestrado em História), CFH, UFSC, Florianópolis, 1993.; NECKEL, R. Op. Cit., 2003.

NECKEL, Roselane. **A República em Santa Catarina: Modernidade e exclusão (1889-1920)**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2003. p.54.

SARTORI, Carina. (2013) **Na alvorada de um sport: o remo na ilha de Santa Catarina**. Dissertação Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Programa de pós-graduação em História.

SAID, Edward. **Orientalism**. London: Routledge, 1978 [São Paulo: Cia das Letras, 2007]

SILVEIRA, Arthur Fernandes. **História do Remo em Florianópolis, 1950 – 1970**. Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Federal de Santa Catarina. 2008.

STUMPF, L. K. **Fragmentos de guerra: imagens e visualidades da guerra contra o Paraguai (1865-1881)**, Universidade de São Paulo, 2019.

RODRIGUES, Oswaldo (1903-1978). **Santa Catarina: História e Evolução** (1937). **Nossa Senhora do Desterro** (1971). **Notícia I e II e Memória I e II. Notícia**.